



Felizes os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus

Autor

Gigio Brunello e Gyula Molnar

Realização

Gyula Molnar

Ano

2005 - 2006

Enredo:

Felizes os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus.

Diálogo entre Jesus o Nazareno e Pinoquio encarcerados.

Teatro de ouvido com barraca e fantoches

Pinoquio: Só a fada Turquina aqui seria precisa.

Ela pode transformar estas barras em pé de girassol e o ferrolho de ferro numa enguia viva (...) Tu acreditas em milagres?

Jesus: Deves ser muito jovem

Pinoquio: A idade não conta nada. Desde que nasci eu não cresci mais...

Barraca e fantoches tornam-se, com corajosa irreverência, o cenário inédito de um encontro entre o fantoche mais famoso ao mundo e o Filho do Homem, acerca de uma das mais tocantes beatitudes do Evangelho, a que rende homenagem aos perseguidos por causa da justiça. Jesus e Pinoquio maravilham-nos pela quantidade de coisas que têm que dizer um ao outro, não parariam nunca mais, falam, falam, atrás das barras, através das paredes.

Personagens:

Página em construção

Ficha técnica:

Felizes os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus

Diálogo entre Jesus o Nazareno e Pinoquio encarcerados.

Autor: Gigio Brunello posição SIAE 49107 e Gyula Molnar posição SIAE 822974

Registo SIAE –

Actos: um

Duração: 40 minutos

Animação: titereiro solista

Idade: para adultos (de 10 anos em diante)

Materiais técnicos: a companhia é autónoma no que diz respeito luzes e som

Exigências técnicas: Instalação corrente eléctrica, carga 2 kw

Ambiente protegido e escurecível



Recensões:

La Repubblica, 6 de Maio 2006

O teatro de figura festeja na *Cavallerizza* o aniversário do dramaturgo irlandês

Para Beckett cem velas e uma noite cheia de fantoches

Brunello faz dialogar Jesus e Pinoquio atrás das barras

Alfonso Cipolla

A noite começa com Gigio Brunello, o mais genial dos titereiros italianos, um artista anómalo que, se descoberto por um público mais amplo, poderia tornar-se num verdadeiro *cult*, capaz de causar filas muito compridas nas bilheteiras. Apresenta *Felizes os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus*, ou seja um diálogo entre Jesus Nazareno e Pinoquio encarcerados: um espectáculo irresistível, triunfo de inteligência e humorismo, tão beckettiano que não o parece de maneira alguma. Concebido com Gyula Molnar, não se pode perder por nenhuma razão.

Feliz início de *Zona Franca* com dois eventos nocturnos “A-Hum” e “Felizes os perseguidos por causa da justiça...”

Revelou-se genial *Felizes os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus. Diálogo entre Jesus Nazareno e Pinoquio encarcerados* de Gigio Brunello e Gyula Molnar (que assina também a realização), produção do “Teatrino della Marignana”. Anima os fantoches, óptimo como sempre, Brunello, que sozinho da voz a ambos os personagens do título, um texto culto e espirituoso, inteligente, refinado e cheio de esbatimentos. Uma grande gaiola dentro da qual se pode entrever mais tarde Gigio Brunello sentado: em cima aparece só no início uma figura inquieta dum detido, um fantoche claro – a cara incisa com força, os olhos claros – mas que transmite tuda a dor da detenção, entre saudades, medo de enlouquecer, infinito desejo de liberdade...

Na cela ao lado será encarcerado Pinoquio, ridículo na sua raiva impotente, imaginando, com a ajuda do seu pai, de comprar a cidade inteira, incluindo a prisão “Estão todos despedidos!”. Jesus e Pinoquio começam a falar, confrontando as experiências pessoais, ambos os pais marceneiros, o conhecimento da morte, a possibilidade de fazer milagres... Ri-se (de vez em quando o nariz de Pinoquio, o seu olhar admirado sobre o mundo, estica-se de repente!), mas se sente também uma saudade especial, uma complexa visão do mundo: um espectáculo de grande fascínio que vai ficar muito tempo na memória. Salva de palmas repetida mais de uma vez, com muitos “bravo!” para Gigio Brunello. Um excelente início para *Zona Franca*.

Valeria Ottolenghi



Eco di Bergamo, 30 de Junho 2007

Gigio Brunello põe Pinoquio e Jesus na mesma cela

No fim Gigio Brunello torce o nariz. Não faz a mesma coisa o público, que aplaude convencido. O facto é que o titereiro de Veneza não está costumado a recitar nas praças este espectáculo assim fora dos cânones. “Felizes os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus. Diálogo entre Jesus Nazareno e Pinoquio encarcerados”: o impacto com *Piazza Vecchia* fez-lhe perder os pontos de referência. E não só aquilo: luminosidade e ruídos ambientais “comem” as luzes e os silêncios da cena. Mas desta maneira a abertura de *La piazza dei burattini* no sábado passado foi um sucesso.

Este *Dialogo* rápido, que contradiz várias regras não escritas do teatro de figura, possui a mesma densa leveza de algumas histórias morais. Evoca a experiência comum e o mundo que nos pertence, para forçar de repente os limites. Eis assim duas celas numa prisão, ou seja uma barraca construída como uma casamata, com barras na boca da cena e uma parede divisória no meio. Eis Jesus na cela de esquerda e Pinoquio na de direita: como se eles pertencessem ao mesmo mundo narrativo. E eis que falam, fazendo referência às próprias histórias, misturando citações dos Evangelhos e do romance.

A operação – fruto da colaboração com Gyula Molnar, na escrita e na realização – finta. Os fantoches revelam-se de repente o que foram para séculos: o veículo duma teatralidade adulta e sem barragem de argumento, que comunicava também com as crianças. Não só: o texto põe em cena um amplo leque de níveis interpretativos. Há o jogo de resposta e das analogias entre os dois personagens: ambos são filhos de marceneiros, atraídos e encarcerados, condenados à morte e ressurgidos. Mas os testemunhos acerca de Jesus são também literários. Textos falsos e textos verdadeiros, desmontados e montados outra vez, podem ajudar-nos para ir além da superfície e da rotina.

Porque no fim de contas é isto o que faz o Diálogo, com a sua leveza concisa. O Jesus fantoche (a quem Brunello dá as feições do seu Woyzeck) é humano como nunca foi: tem saudade da liberdade e interroga-se acerca do sentido de que lhe esta a acontecer, já que sempre pregou só o bem e a justiça. O fantoche Pinoquio (quem mais podia acompanhar Jesus na barraca?) torna-se criança: moralmente, ficando à espera do final do seu romance. Ele é uma criança assustada pela lógica oblíqua dos adultos que o enganaram e roubaram, mas só ele foi preso. Jesus é um adulto que o conforta.

Para alguém isto poderá parecer redutivo. Mas não é assim. Brunello e Molnar (um dos melhores tandem criativos do teatro italiano, não só de figura) tiram a perspectiva habitual, que todos nós conhecemos e que por isso em fim não vemos. O Mistério é tal porque um dia, na Galilea, um Deus que se tornou homem, riscou, sofreu e pôs em jogo tudo como se fosse somente um homem. E *Pinoquio* é o romance italiano mais lido no mundo porque fala dum fantoche que se porta como uma criança verdadeira, representando todas as privações dos adultos perante da infância.

Tirando as personagens do próprio contexto “apropriado”. O Diálogo devolve o possibilidade de olhar para eles com olhos novos. E entretanto é muito outro. Uma fantasia cénica sobre as beatitudes, por exemplo. Uma culta reelaboração do teatro e da religiosidade popular, com improvisos acessos cómicos.

Uma construção dramaturgica imediata, mas baseada num sofisticado curto-circuito entre cena e extra-cena, personagens e conhecimentos dos espectadores. E mais ainda: um drama que cresce sob o humor, uma parábola a interrogar. Bem fez a Fundação Ravasio que riscou e pôs na praça este espectáculo delicado: o teatro de figura sabe ser também adulto. Mesmo se Brunello no final, abanou a cabeça.

Pier Giorgio Nosari